

Machado de Assis, esse escritor monstruoso (entre aberrações e espetáculos)

LÚCIA GRANJA*

RESUMO: Logo antes da inflexão que levaria Machado de Assis à escrita das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, nosso escritor esteve às voltas com a série de crônicas «Notas semanais», publicadas no jornal *O Cruzeiro*, entre junho e setembro de 1878. Ao longo de catorze domingos, ele comentou a exposição de um cavalo de oito pernas, a exibição de um “homem-peixe” e de um anão sem braços, a euforia carioca pela tauromaquia, ou, de modo mais abrangente, aquilo que o cronista entendia como a degradação dos interesses culturais, manifestado pelos leitores e plateias. Levando seus questionamentos ao paroxismo no âmbito da experimentação literária, esse escritor monstruoso, afeito a construir literariamente em desproporções, utilizou a seu favor todas as possibilidades que lhe ofereceram a escrita do folhetim-variedades, assim como a variadíssima gama de formas que o gênero admitia.

PALAVRAS-CHAVE: Conto; Crônica; Grotresco; Machado de Assis; *Memórias Póstumas de Brás Cubas*; *Quincas Borba*.

ABSTRACT: Shortly before setting out to write *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (*Epitaph of a small winner*), Brazilian writer Machado de Assis was busy with the series of columns “Notas Semanais”, published in the newspaper *O Cruzeiro*, between June and September, 1878. For fourteen Sundays he commented on the exhibition of an eight-legged horse, a fishman, an armless dwarf and the euphoria for bullfighting in Rio de Janeiro. Broadly speaking, he was interested in what he saw as the degradation of cultural interests manifested in the taste of both readers and audience. Taking his questions to the paroxysm in the realm of literary experimentation, this monstrous writer, inclined to literary disproportions, used to his advantage all the possibilities that the writing of serials offered to him, as well as the plethora of forms admitted by that genre.

KEYWORDS: Grotesque; Machado de Assis; *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (*Epitaph of a small winner*); *Philosopher or dog?* *Quincas Borba*; Serial Columns; Short stories.

* Departamento de Estudos Linguísticos e Literários – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – câmpus de São José do Rio Preto – 15054-000 – SP – Brasil. E-mail: lgranja@uol.com.br

Logo antes da construída e refletida mudança que levaria Machado de Assis às *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1880), o escritor esteve às voltas, em suas crônicas, com um material de natureza bastante variada, dentro de um universo midiático (o jornal), os quais lhe forneceram assunto e ajudaram a configurar soluções estéticas em sua ficção.

Como mostram os escritos para o jornal *O Cruzeiro*, na virada dos anos 1870 a 1880, o “feito” passou a integrar esteticamente a ficção de Machado de Assis, muitas vezes por meio de um ponto-de-vista narrativo que observava cruamente a naturalização do sadismo nas relações de poder. Existia também, por parte do cronista, uma severa crítica à forma como se apresentavam ao público os espetáculos de entretenimento, ao mesmo tempo em que se procurava denunciar a facilidade com que se corrompia o “gosto” (SCHÜCKING, 1960), por meio da exposição do grotesco dos corpos ou suas habilidades extraordinárias, além dos jogos e exposições em torno de animais. O objetivo principal do entretenimento proposto à população era, evidentemente, o lucro, sendo a imprensa, na análise machadiana, vista como manipuladora das opiniões daquele reduzido leitorado brasileiro.

Dessa forma, cada vez mais frequentemente, à ficção machadiana do final dos anos 1870 e início dos anos 1880, compareceriam casos que enunciavam, em um esforço medido, aquilo que repugnava o leitor. Nas *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, por exemplo, os escravos ocuparam essa posição, o que se pode verificar na conhecidíssima cena na qual Brásinho cavalgava um moleque da casa, Prudêncio, fustigando-o com uma varinha, depois de, “à guisa de freio”, ter-lhe enfiado um cordel no queixo, ou, ainda, na mesma cena de reminiscência, quando o “menino diabo” quebrou a cabeça de uma escrava que lhe negara uma colher de um doce de coco em preparação; quanto ao Brás já adulto, no capítulo “O verdadeiro Cotrim”, seu cunhado é descrito como sendo conhecido por sua barbárie, mas talvez injustamente, segundo o narrador, posto que “o único fato alegado nesse particular era o de mandar com frequência escravos ao calabouço, donde eles desciam a escorrer sangue” (MACHADO DE ASSIS, 2008(a), p. 1082). Já nas narrativas curtas, a cena em que se descreve miudamente a vivisseção de ratos em “O conto alexandrino”, de 1882, “deixa evidente uma vontade de provocar no leitor a aversão ao procedimento experimental em questão” (GRANJA, 2009, p. 109), mostrando que a literatura machadiana pensou contemporaneamente o progresso desenfreado da Ciência, a qual, em nome de sua verdade, não considera a alteridade, processo não estranho aos mecanismos de quase invisibilidade do outro nas relações de poder (GRANJA, 2009). Os exemplos continuariam ainda pelos contos “A causa secreta”, “O enfermeiro”, “Sem olhos”, vários outros trechos dos romances, mas os casos acima são suficientes para sustentar a ideia de que o horripilante, aqui recortado a partir do abuso do corpo humano e animal em relações que envolvem várias manifestações do poder, é incorporado à ficção machadiana como paródia da naturalização de certos discursos e práticas das sociedades em geral. Melhor dizendo, na ficção, a legitimação da violência pelos procedimentos da criação e, sobretudo, pelo relato quase desumanizado dos narradores, revela a matéria inverossímil do viver: da escravidão tardia, dos abusos cometidos pela ciência experimental em busca de explicações, ou, ainda, da “deturpação” do gosto estético.

Já nas crônicas, onde a ficção comparece apenas como possibilidade, e não como condição, a matéria é, em geral, destrinchada pelo comentário irônico. O tratamento dado ao grotesco, sem a intermediação da ficção, é o da revisão de discursos e ideologias e, nesse caso, estão vários textos da série “Notas semanais”, publicados em *O Cruzeiro*, entre maio e setembro de 1878. Ao longo de 14 domingos, essas crônicas captaram e revisaram os variados acontecimentos políticos e culturais das semanas. Entre os fatos transformados em assuntos, estavam a exposição de um cavalo de oito pernas, os espetáculos oferecidos ao público por um “homem-peixe” e por um anão sem braços, a euforia carioca pela tauromaquia, o que, de modo mais abrangente, representava o que o cronista entendia como a degradação dos interesses manifestados pelos leitores e plateias.

Tomando como foco os espetáculos que envolviam os touros, observa-se que eles já haviam aparecido como índice das relações entre poder e gosto. Machado de Assis mencionara as touradas nos textos da série “Ao Acaso”, publicados no *Diário do Rio de Janeiro* entre 1864 e 1865, mas o assunto foi se tornando cada vez mais polêmico nas crônicas do escritor, ao menos nas posteriores a 1876.

As touradas procuravam acentuar o vínculo do Brasil com a Coroa portuguesa e se fizeram presentes na colônia desde o século XVIII. Seguiam, é claro, o modelo da corrida portuguesa, onde não se mata o touro. Em geral, eram realizadas no Campo de Sant’Anna, mas ele foi transformado em uma praça no início dos anos 1870, o que deu lugar a uma nova fase, na qual as arenas eram montadas pelos organizadores, ou, como na época das crônicas em questão, realizadas no “circo de Botafogo”, uma arena de alvenaria erguida nesse bairro para abrigar tal tipo de espetáculo.

Nesse contexto, no domingo de 11 de março de 1877, a *Gazeta de Notícias* trouxe o anúncio da “Grande tourada. Extraordinária corrida”¹, que seria realizada às 16 horas daquele dia, em benefício das vítimas das enchentes em Portugal e de uma instituição de caridade não nomeada no anúncio. A imagem mostra que o anúncio ocupou espaço considerável da quarta página do jornal:

¹ Anunciam-se os dois espetáculos, “tourada” e “corrida”, graças à natureza das touradas portuguesas. No início, os cavaleiros, vestidos com trajes nobres portugueses do século XVII, desafiavam e combatem o touros com as bandeirolas. A seguir, os *forçados* seguram e fazem parar os touros pelos chifres, em uma espécie de corrida a pé.

Ao novo armazem de fazendas e modas

54 RUA DA ASSEMBLEA 54

A nova Cocota annuncia aos seus numerosos freguezes que finalizou a mudanca

54, 54 NOVA COCOTA 54, 54 RUA DA ASSEMBLEA 54, 54

CONCORDIA BORGES

Concordia Borges, filha de...

BONA E O ESPIRITISMO

Concordia Borges, filha de...

FERRO DIALYSADO DE LEBAIGUE

Para a solucao de ferro dialysado de Lebaigue...

CAIXAS DE PEDRA ARTIFICIAL

Para a solucao de ferro dialysado de Lebaigue...

CORTADO DE PAPEL

Para a solucao de ferro dialysado de Lebaigue...

RETRATOS

Retratos em diversos tamanhos...

DUZIA NA CASA DO LOPES

Retratos em diversos tamanhos...

PERFEICAO SEM RIVAL

Concursos e fabricos de relógios...

GUAYBA

Medicina para a solucao de ferro dialysado de Lebaigue...

AVISO

Para a solucao de ferro dialysado de Lebaigue...

ENGENHARIA NOVO

Para a solucao de ferro dialysado de Lebaigue...

COLLARES ANODYNOS ELECTRO-MAGNETICOS

Para a solucao de ferro dialysado de Lebaigue...

VICTORIA

Collares anodynos electro-magneticos...

RISO E PRANTO

Para a solucao de ferro dialysado de Lebaigue...

DANSA

Para a solucao de ferro dialysado de Lebaigue...

POES MAGICAS

Para a solucao de ferro dialysado de Lebaigue...

NOTABILIDADE

Para a solucao de ferro dialysado de Lebaigue...

1293

Para a solucao de ferro dialysado de Lebaigue...

GRANDE ABANDONTO

Para a solucao de ferro dialysado de Lebaigue...

THEATRO DE S. JOSE

Para a solucao de ferro dialysado de Lebaigue...

RETRATOS

Retratos em diversos tamanhos...

CHACARA

Para a solucao de ferro dialysado de Lebaigue...

RETRATOS

Retratos em diversos tamanhos...

A PERA

Para a solucao de ferro dialysado de Lebaigue...

OS TRES CASTELLOS

Para a solucao de ferro dialysado de Lebaigue...

EMPRESA DO ARTISTA HELLER

Para a solucao de ferro dialysado de Lebaigue...

HOJE DOMINGO 11 DO CORRENTE

Para a solucao de ferro dialysado de Lebaigue...

TOURADA

Para a solucao de ferro dialysado de Lebaigue...

OS TOUROS

Para a solucao de ferro dialysado de Lebaigue...

OS CAVALLOS

Para a solucao de ferro dialysado de Lebaigue...

Fig. 01: Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 11 de março de 1877, p. 4.

Consulta: Imagens adquiridas junto à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro pelo Projeto Temático FAPESP "A circulação transatlântica do impresso: a globalização da cultura no século XIX".

No final do anúncio, localizado na parte inferior, à direita da página, em uma coluna impressa horizontalmente, podemos ler:

Atendendo a que é um divertimento inteiramente novo nesta capital, atendendo às excessivas despesas que se tem feito para apresentá-lo ao público com aquela pompa e riqueza com que se costumam fazer esses divertimentos nos países onde tiveram origem, e atendendo sobretudo ao fim humanitário a que é destinado o produto desta festa, tem a comissão encarregada de a levar a efeito, confiando nos sentimentos de proverbial filantropia deste público, resolvido fixar os seguintes preços, ficando à generosidade de cada um todo e qualquer aumento:

Camarotes com 6 entradas 50\$000

Galerias numeradas 10\$000

Trincheiras 5\$000

Os bilhetes para galerias e trincheiras acham-se à venda nas seguintes casas: confeitaria Castelões, à Rua do Ouvidor nº 114, charutaria Neves à Rua Gonçalves Dias nº 77, ponto de bonde de Botafogo, ao Bon Marché à Rua da Quintanda nº 74B, Rua do Ouvidor nº 49, Rua do Hospício, nº 28 e rua do Rosário nº 72 (*Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 11 de março de 1877, p. 04).

O anúncio qualifica o “novo divertimento” em questão, acentuando a sua “pompa” e “riqueza”. Nele, pouco antes da citação acima, em tipos destacados, descreve-se a praça como estando deslumbrantemente ornada; os touros, mandados vir do Rio da Prata, como os mais bravos, lindos e puros; os cavalos eram também os mais lindos e de pura raça, tudo isso animado por duas das melhores bandas marciais e corroborado nos jornais dos dias subsequentes, por artigos de glorificação do evento. Ainda em relação ao anúncio, apresentam-se justificativas: em primeiro lugar, o texto procuraria desfazer eventuais julgamentos negativos sobre a natureza do espetáculo, uma vez que o discurso pelo respeito à vida e bem-estar dos animais já era corrente àquela época (HUGO, 1883; SCHOPENHAUER, 1887), mesmo que o Brasil ainda fosse esperar algumas décadas para ver nascer uma sociedade protetora dos animais; em seguida, explicam-se os valores dos ingressos, a partir da contrapartida do propósito humanitário que essas touradas teriam, apelando-se também à “proverbial filantropia” do público, no caso de eventuais valores adicionais².

Os diferentes tipos de lugares/ingressos anunciados, assim como a grande rede de pontos de venda desses ingressos, podem dar impressão de que a tourada era uma festa preparada para variados bolsos. No entanto, sendo um ingresso para um dos lugares mais comuns vendido a cinco mil réis, ele parece ser efetivamente caro. A título de comparação, por exemplo, alguns anúncios saídos na *Gazeta de Notícias* à mesma época mostram que a assinatura anual desse jornal diário custava doze mil réis³, o que coloca o público-leitor do jornal e os espectadores dos espetáculos, provavelmente, em intersecção; enquanto isso, um ingresso para uma exposição em cartaz no Teatro São Pedro era anunciada a mil réis,

² Uma versão preliminar da análise que se faz neste e em alguns parágrafos seguintes foi publicada em Granja (2015), mas com outro enfoque temático.

³ *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1877, “Cabeçalho”, p. 1. Fonte: imagens adquiridas junto à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro pelo Projeto Temático FAPESP “A circulação transatlântica do impresso: a globalização da cultura no século XIX”.

com cinquenta por cento de desconto para as crianças⁴. Delso Renault (1978, p. 61-62), que descreve algumas formas de lazer no Rio de Janeiro da metade dos anos 1850, confirma-nos a impressão de que o evento não foi concebido para atender aos setores menos afortunados da população. Segundo o historiador, o espetáculo popular era o circo, sendo o teatro caro para o grande público. Ainda segundo Renault, uma tentativa de tourada em um circo havia acabado muito mal, uma vez que os espectadores se haviam sentido logrados.

Desse modo, a veemente crítica machadiana, publicada em 15 de março de 1877, é perfeitamente compreensível diante do anúncio de 12 daquele mês. O escritor mostra uma visada do espetáculo, que em nada confirma o discurso oficial ou midiático:

O certo é que se eu quiser dar uma descrição verídica da tourada de domingo passado, não poderei, porque não a vi.

Não sei se já disse alguma vez que prefiro comer o boi a vê-lo na praça.

Não sou homem de touradas; e se é preciso dizer tudo, detesto-as. Um amigo costuma dizer-me:

— Mas já as viste?

— Nunca!

— E julgas do que nunca viste?

Respondo a este amigo, lógico mas inadvertido, que eu não preciso ver a guerra para detestá-la, que nunca fui ao xilindró, e todavia não o estimo. Há coisas que se prejulgam, e as touradas estão nesse caso.

E querem saber por que detesto as touradas? Pensam que é por causa do homem? Ixe! é por causa do boi, unicamente do boi. Eu sou sócio (sentimentalmente falando) de todas as sociedades protetoras dos animais. O primeiro homem que se lembrou de criar uma sociedade protetora dos animais lavrou um grande tento em favor da humanidade; mostrou que este galo sem penas de Platão pode comer os outros galos seus colegas, mas não os quer afligir nem mortificar. Não digo que façamos nesta Corte uma sociedade protetora de animais; seria perder tempo. Em primeiro lugar, porque as ações não dariam dividendo, e ações que não dão dividendo... Em segundo lugar, haveria logo contra a sociedade uma confederação de carroceiros e brigadores de galos. Em último lugar, era ridículo. Pobre iniciador! Já estou a ver-lhe a cara larga e amarela, com que havia de ficar, quando visse o efeito da proposta! Pobre iniciador! Interessar-se por um burro! Naturalmente são primos? — Não; é uma maneira de chamar a atenção sobre si.— Há de ver que quer ser vereador da Câmara: está-se fazendo conhecido. — Um charlatão.

Pobre iniciador!

Capítulo II

Touradas e caridade pareciam ser duas coisas pouco compatíveis.

Pois não o foram esta semana última, fez-se uma corrida de touros com o fim de beneficiar necessitados.

O pessoal era de amadores, uns já peritos; outros novos; mas galhardos todos, e moços de fino trato. A concorrência, se não foi extraordinária, foi assim bastante numerosa.

E não a censuro, não; a caridade fazia dispensar a feroci... não digo ferocidade;

⁴ *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 1º de março de 1877, “Anúncios”, p. 4. Fonte: imagens adquiridas junto à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro pelo Projeto Temático FAPESP “A circulação transatlântica do impresso: a globalização da cultura no século XIX”.

mas contarei uma pequena anedota. Conversava eu há dias com um amigo, grande admirador de touradas, e homem de espírito, *s'il en fut*.

— Não imagines que são touradas como as de Espanha. As de Espanha são bárbaras, cruéis. Estas não têm nada disso.

— E entretanto...

— Assim, por exemplo, nas corridas de Espanha é uso matar o touro... Nesta não se mata o touro; irrita-se, ataca-se, esquiva-se, mas não se mata...

— Ah! Na Espanha, mata-se?

— Mata-se... E isso é que é bonito! Isso é que é comoção!...

Entenderam a chave da anedota? No fundo de cada admirador de tourada inocente, há um admirador de tourada espanhola. Começa-se por gostar de ver irritar o touro, e acaba-se gostando de o ver matar.

Repito: eu gosto simplesmente de o comer. É mais humano e mais higiênico.

(MACHADO DE ASSIS, “História dos quinze dias”, *Ilustração Brasileira*, 15 de março de 1877; MACHADO DE ASSIS, 2009; MACHADO DE ASSIS, 2011).

Em relação às ideias mais avançadas da época, a análise de Machado de Assis coloca em evidência a defasagem. Em seu texto, ele repete por três vezes, ao longo do parágrafo do primeiro trecho incluído no extrato acima, a designação “sociedade protetora dos animais”, como se, pela reiteração, conseguisse ressaltar o vazio institucional do contexto brasileiro. Nelson Aprobato Filho (2012, p. 20) mostrou que, nessa crônica, quando Machado de Assis menciona tal sociedade, ele tinha em mente, muito provavelmente, a *Royal Society for the Prevention of Cruelty to Animals*, fundada em Londres em 1824, assim como outros grupos similares fundados na Europa e nos Estados Unidos, a partir do modelo da *Royal Society*. O mesmo autor observa ainda que a “parceria sentimental” do cronista face às sociedades protetoras dos animais, tem, no texto machadiano, o objetivo de chamar a atenção para o vazio social. Em um nível mais explícito, todas as críticas armadas pelo texto machadiano acentuam o absurdo e o ridículo que representaria, no Rio, a fundação de uma sociedade cujo objetivo fosse o da proteção dos animais: as pessoas amaldiçoariam o fundador, desfazendo dele por sua ignorância, ou atribuindo-lhe intenção escusa. Ao mesmo tempo, a “piedade” que o narrador da crônica lhe endereça, ainda uma vez em dose tripla (a expressão “Pobre iniciador” é repetida por três vezes, tal e qual a “sociedade protetora dos animais”), mostra que, na realidade, ele não está de acordo com a opinião corrente, o que desvela diante do leitor, imediatamente, a insuficiência da Opinião. Desse modo, o coro dos comuns torna-se agora, rapidamente, vítima da crônica.

O narrador-cronista evoca, a seguir, a incompatibilidade entre touradas e caridade – “Touradas e caridade pareciam ser duas coisas pouco compatíveis. Pois não o foram esta semana última, fez-se uma corrida de touros com o fim de beneficiar necessitados” –, o que questiona o objetivo declarado da festa, a ação caritativa, assim como as declarações feitas pelos anúncios do evento, já que ele não deixa claramente saber qual é a associação de beneficência à qual seriam endereçados os lucros com a tourada. Vemos também, pelo trecho acima, apoiando-se ainda nos textos do anúncio e do artigo de jornal, que o cronista desnuda a ridícula exageração com que se descreve a suntuosidade da festa e dos participantes, ou os cavalos mais bonitos, os touros mais bravos etc. Fica claro, para o bom leitor da crônica, que a valorização do suntuoso procura esconder o horripilante (ver irritar, farpear, atacar o touro e, no fundo, desejar vê-lo ser morto).

Assim sendo, naquele final dos anos 1870, repetidas vezes, enquanto observa o cenário cultural mais amplo, sobretudo na cidade do Rio de Janeiro, Machado de Assis ali encontra apreensão e desesperança, as quais materializa, em suas crônicas, sob a forma da ironia e do sarcasmo. Em 16 de junho de 1878, por exemplo, voltará às touradas para dizer a seus leitores, com o mesmo espírito de provocação examinado na crônica de 15 de março de 1877, dizendo “que farpear um touro ou esculpir o Moisés [de Michelangelo] é o mesmo fato intelectual” (MACHADO DE ASSIS, 2012, p. 112). Existe aí uma recusa aos novos hábitos, carregada de uma pesada sátira, que se manifesta a propósito de uma nova definição do que eram o gosto do público e os seus entretenimentos.

Ainda na crônica de março de 1877, figura nos comentários do narrador-cronista algo que não está explicitamente manifesto nos jornais, mas que configura um tema que ocupou muitas vezes a pena machadiana: o prazer sádico dos homens, dissimulado pelo gosto por esse tipo de espetáculo. Pelo método da maiêutica socrática, o narrador faz com que um dos personagens de sua crônica, “homme d’esprit, s’il en fut”, confesse que ele pode vislumbrar a beleza e sentir emoção no momento em que se mata o animal, durante as touradas espanholas. O assunto voltaria à pena do cronista em 16 de junho de 1878:

Faltavam-nos os touros. Os touros vieram, e com eles toda a fraseologia, a nova, a elegante, a longa fraseologia tauromáquica; enfim, veio o bandarilheiro Pontes. Não tive a honra de ver este cavalheiro, que os doutores da instituição proclamam artista de alta escala; mas ele pertence ao número das coisas, em que eu creio sem ver; digo mais, das coisas em que eu tanto mais creio, quanto menos avisto. Porque é de saber que, em relação a essa nobre diversão do espírito, eu sou nada menos que um patarata; nunca vi corridas de touros; provavelmente, não as verei jamais. Não é que me falte incentivo. Em primeiro lugar, possuo um amigo, espírito delicado, que as adora e frequenta; depois, sempre me há de lembrar Santo Agostinho. Conta o grande bispo que o seu amigo Alípio, seduzido a voltar ao anfiteatro, ali foi de olhos fechados, resoluto a não os abrir; mas o clamor das turbas e a curiosidade os abriram de novo e de uma vez, tão certo é que esses espetáculos de sangue alguma coisa têm que fascinam e arrastam o homem. Pode ser que algum dia também eu vá atirar lenços e charutos aos pés de algum bandarilheiro célebre; pode ser...

(MACHADO DE ASSIS, “Notas Semanais”, *O Cruzeiro*, 16 de junho de 1878; MACHADO DE ASSIS, 2008, p. 34).

O amigo de fino espírito que ama as touradas ou as coisas nas quais o narrador-cronista crê sem ter tido necessidade de ver são ideias afins nas crônicas de 1877 e 1878. Também o tema do prazer sádico do homem diante do sofrimento do animal reaparece nesse texto de 1878, no qual a autoridade de Santo Agostinho é evocada para confirmar o argumento do cronista: a impossibilidade de se dissociar a presença a um espetáculo violento (um combate entre gladiadores, no caso do que aconteceu com Alípio, por exemplo) da afirmação do gosto dissimulado por essa violência, ou do prazer de experimentá-la de alguma forma. Alguns anos mais tarde, no romance *Quincas Borba*, de 1890, será por meio de Rubião que o narrador veiculará a mesma ideia, quando o herdeiro do filósofo de Barbacena assiste ao enforcamento de um escravo:

Na esquina da Rua dos Ourives deteve-o um ajuntamento de pessoas, e um préstito singular. Um homem, judicialmente trajado, lia em voz alta um papel, a sentença. Havia mais o juiz, um padre, soldados, curiosos. Mas, as principais figuras eram dois pretos. Um deles, mediano, magro, tinha as mãos atadas, os olhos baixos, a cor fula, e levava uma corda enlaçada no pescoço; as pontas do braço iam nas mãos de outro preto. Este outro olhava para a frente e tinha a cor fixa e retinta. Sustentava com galhardia a curiosidade pública. Lido o papel, o préstito seguiu pela Rua dos Ourives adiante; vinha do Aljube e ia para o Largo do Moura.

Rubião naturalmente ficou impressionado. Durante alguns segundos esteve como agora à escolha de um tálburi. Forças íntimas ofereciam-lhe o seu cavalo, umas que voltasse para trás ou descesse para ir aos seus negócios, outras que fosse ver enforcar o preto. [...]

Verdade é que o réu ainda não subira à força, não o matariam de relance; sempre era tempo de fugir. E, dado que ficasse, por que não fecharia os olhos, como fez certo Alípio diante do espetáculo das feras? Note-se bem que Rubião nada sabia desse tal rapaz antigo e ignorava, não só que fechara os olhos, mas também que os abrisse logo depois, devagarinho e curioso (MACHADO DE ASSIS, 2008 (a), p. 1760).

A ironia do narrador do romance desenha limites sutis, pois a incapacidade de escolha de Rubião diante das forças íntimas que lhe ofereciam um cavalo e lhe sugeriam, ao mesmo tempo, ir cuidar de seus negócios ou ir ver enforcar o escravo, é apenas aparência. Diante do espetáculo de horror que se anunciava, entre partir e ficar, ele se deixa estar, de modo que “o terror dissimulava a perversidade” (MACHADO DE ASSIS, 1979, p. 176). Além disso, como na crônica, o mesmo exemplo de Alípio diante do espetáculo de feras é evocado, com desvantagem, nesse caso, para o personagem, que o narrador expõe em sua ignorância. Dessa forma, o medo e a curiosidade do futuro Bispo de Tagaste diante do espetáculo de luta entre animais e homens se personifica em Rubião e, com ele, o juízo crítico de Santo Agostinho (1999) a respeito de seu discípulo Alípio.

A partir dos três exemplos acima, chega-se à importância das ideias críticas extraídas das crônicas para a obra de Machado de Assis em geral, bem como ao alinhamento absoluto de seu pensamento com as ideias mais avançadas do tempo. Mesmo diante do efêmero da crônica, ou do clima de grande espetáculo das touradas, o escritor não se retira do papel por meio do qual prossegue em seu combate por uma espécie de despertar do público.

Com relação à tauromaquia, é possível que ele deixasse a impressão de uma certa superioridade cultural, ao rejeitar veementemente aquilo que o público parece amar e desejar. No entanto, lendo a expressão jornalística das touradas nos anúncios e artigos de jornais, o observador da semana esmiuçou-os analiticamente na crônica, esvaziando todos os pretensos sentidos positivos atribuídos. Considerando que se procura desenvolver na população um gosto pelo bizarro, ele evidencia os inúmeros esforços de sedução do público para esse tipo de gosto, além de atacar aqueles que se deixam levar, sem maior resistência, pela onda que os arrasta. Algo extremamente interessante reside no fato de que a complexidade de suas ideias e jogos de palavras, traçadas nas linhas do rodapé dos jornais, endereça-se de fato a leitores que tinham meios de bem compreendê-las, uma vez que o público das touradas coincidia

com o público-leitor dos jornais, pois, como se viu, pelos valores dos ingressos, as touradas não faziam realmente parte dos espetáculos populares da capital do Império brasileiro.

Retomando a relação entre a literatura machadiana e o pensamento estético hugoano sobre o grotesco e o sublime, base importantíssima para toda uma geração cujo debate, embora fosse mais novo, Machado acompanhou em sua juventude, vê-se de que maneira algumas ideias estéticas e discursos contemporâneos são discutidos e parodiados pelos escritos machadianos dos anos 1878-1880. Nos espetáculos tauromáquicos em questão, é como se a publicidade e os textos jornalísticos em geral, por meio do silenciamento do grotesco, tentassem impingir mudanças ao gosto, o que era feito por meio da naturalização da violência, procedimento discursivo e prática cotidiana retomados pela ficção machadiana, como mostram as *Memórias Póstumas, Quincas Borba* e nos contos mencionados.

Levando o seu questionamento ao paroxismo, ou, criando esteticamente por meio da leitura dos modos de operar dos discursos que lhe eram contemporâneos, Machado de Assis, esse escritor monstruoso, afeito a construir literariamente em desproporções, usou como fonte para a modernidade de sua escrita literária, as possibilidades todas que lhe ofereceram a escrita do folhetim-variedades dominical, assim como a variadíssima gama de formas que a crônica e o próprio jornal admitiam.

Agradecimentos

Ao CNPq, pela bolsa de “Produtividade em pesquisa”, projeto no seio do qual desenvolvi esse texto.

GRANJA, L. Machado de Assis, This Monstrous Writer (Between Aberrations and Spectacles). *Olho d’água*, São José do Rio Preto, v. 9, n. 1, p. 142–152, 2017.

Referências

APROBATO FILHO, N. Machado de Assis e as touradas. Primórdios da proteção animal no Brasil e a dimensão pouco conhecida de um escritor. *Scientific American Brasil*, São Paulo, n. 1, p. 18-25, 2012.

GRANJA, L. Touradas tropicais: festa e poder nas crônicas de Machado de Assis. *Les cahiers du CREPAL*, Paris, n. 19, p. 17-25, 2015.

GRANJA, L. Antes do livro, o jornal: “Conto Alexandrino”. *Luso-Brazilian Review*, University of Wisconsin Press, v. 46, p. 106-114, 2009. Disponível em <<https://muse.jhu.edu/article/268943/pdf>>. Acesso em 17 out. 2008.

HUGO, V. *Discours inaugural à la Ligue antivivisectionniste française*. 1883. Disponível em <<http://www.gallica.bnf.fr>>. Acesso em 20 out. 2008.

MACHADO DE ASSIS, J. M. *História de quinze dias. Histórias de trinta dias*. Crônicas de Machado de Assis – Manasses. Organização de Silvia Azevedo. São Paulo: Editora da UNESP, 2011.

_____. *História de quinze dias*. Organização, introdução e notas de Leonardo Affonso de Miranda Pereira. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009.

_____. *Memórias Póstumas de Brás Cubas e Quincas Borba*. In: *Obra completa em quatro volumes*. 2. ed. Organização de Aluizio Leite, Ana Lima Cecílio, Heloísa Jahan. Rio de Janeiro: Aguilar, 2008 (a), Vol. III.

_____. *Notas semanais*. Introdução, organização e notas de John Gledson e Lúcia Granja. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008 (b).

RENAULT, D. *Rio de Janeiro: a vida da cidade refletida nos jornais, 1850-1870*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1978.

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Col. Os Pensadores)

SCHOPENHAUER, A. *Aphorismes sur la sagesse dans la vie*. Trad. en français pour la première fois par J.-A. Cantacuzène. Paris: F. Alcan, 1887.

SCHÜCKING, L. *El gusto literario*. Mexico; Buenos Aires: Fónodo de Cultura Económica, 1960.

Jornais

Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 1877.

O Cruzeiro, Rio de Janeiro, 1878.

Recebido em: 25/03/2017

Aceito em: 28/04/2017